**ENTREVISTAS**

**A constituição do campo de pesquisa em História do Brasil República: Entrevista com a Professora Dra. emérita Marieta de Moraes Ferreira (UFF)[[1]](#footnote-1)**

**Vagner Henrique Domingos (****vagnerdomingos@usp.br****)**

Graduando e Licenciando em História Universidade de São Paulo (USP)[[2]](#footnote-2)

*“As licenciaturas, elas não se preocupam, elas não têm uma identidade compatível com o objetivo final dela, o que é uma licenciatura. (...) As graduações são muito impactadas pela pós-graduação, e a gente não queria saber de ensino de história, estávamos interessados em formar nossos alunos para a iniciação científica, para a monografia, para a pós-graduação. Mas a verdade é que a grande maioria vai atuar na educação básica.”*

Marieta de Moraes Ferreira é uma das maiores especialistas em Brasil República, com estudos originais que renovaram a historiografia. Professora titular aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde recebeu o título de professora emérita em 2019. Atualmente, exerce o cargo de diretora-executiva da Editora da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Possui graduação, mestrado (1977) e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (1991), com pós-doutorado na *École des Hautes en Sciences Sociales* (1997) e na Universidade de São Paulo (2011).

Sua trajetória acadêmica é marcada por pesquisas em diversas áreas, como História do Brasil Republicano, História Oral, História do Rio de Janeiro, História Política, História do Tempo Presente e Estudos sobre Memória. Ela foi coordenadora do Programa de História Oral do CPDOC (1992-1995), além de atuar como editora da *Revista Estudos Históricos* (1992-1998) e da *Revista Brasileira de História* (2009-2013).

Foi também uma das idealizadoras e primeira presidente da Associação Brasileira de História Oral (1992-1994) e presidente da *International Oral History Association* (IOHA). Marieta dirigiu o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) de 1999 a 2005 e coordenou o Mestrado Profissional em Ensino de História até 2017.

Entre suas publicações estão mais de 30 livros e diversos capítulos de livros, como o *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro* (FGV, 1984), *Em busca da Idade do Ouro* (Editora URRJ, 1994), *A História como Ofício - A constituição de um campo disciplinar* (Ed. FGV, 2013), *Rio de Janeiro: uma cidade na história* (Ed. FGV, 2000) e *Usos e abusos da História Oral* (Ed. FGV, 1996). Ela também coordena o Programa FGV Ensino Médio e foi coordenadora do projeto bi-nacional *Capital Cities: From Nation to Globalization* (2015-2016), com apoio da FAPERJ e da *Sorbonne*. Além disso, Marieta foi professora visitante da *Science Po* (2006) e é bolsista de produtividade do CNPq, com destacada atuação no conselho editorial de diversas revistas nacionais e internacionais.

**Entrevistador: Primeiro, eu gostaria de saber da senhora como foi sua infância? A senhora passou a infância em Friburgo, é isso?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Olha, meus pais eram pessoas de classe média nesse período. Eu fui criada em um sítio, uma fazenda. Dessa forma, tive muita proximidade com a vida rural. Minha família, originalmente, também era proprietária de terras nessa região de Cantagalo e Cordeiro, que ficam depois de Friburgo. Friburgo é uma cidade serrana, não sei se você conhece… Cantagalo e Cordeiro já são uma região um pouco mais quente, inclusive cafeeira. Meus antepassados eram fazendeiros de café, senhores escravistas do começo do século XIX. Uma parte da minha família descendia de portugueses, ligados à cafeicultura e às fazendas de café. O outro lado era de imigrantes suíços.

E o outro lado da minha avó paterna, ela era filha e neta de imigrantes suíços, aqueles que chegaram a Friburgo no começo do século XIX e fundaram a vila de Nova Friburgo. Inclusive, minha trisavó foi uma mulher muito à frente de seu tempo. Ela chegou com a imigração, composta por pessoas que enfrentavam grandes dificuldades financeiras. Imagine sair da Suíça para os rincões de uma região que, na época, ainda estava formando a recém-criada província do Rio de Janeiro. Essas pessoas vieram para fundar e construir uma cidade[[3]](#footnote-3).

Ela [minha trisavó] se chamava Marianne. Mais tarde, casou-se com um francês que também foi parar lá. Era uma mulher trabalhadora que, inicialmente, abriu uma pensão, a qual depois se tornou um hotel. Assim, eu tinha esses dois lados na minha família: um rural, de origem portuguesa, e outro de ascendência europeia, suíça, estrangeira. Mas, na verdade, nasci aqui no Rio e logo fui morar em Friburgo, onde vivia na região rural. Meu pai, embora tenha sido educado na Inglaterra, voltou para o Brasil e se dedicou mais às plantações e à criação de gado.

**Entrevistador: Quais eram as suas leituras na infância?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Eu estudei em um colégio de freiras em Nova Friburgo. Não fui muito estimulada à leitura. Lia alguma coisa, como os clássicos de Joaquim Manuel de Macedo, aquelas leituras que as meninas faziam na época. Mas, no geral, não havia muito incentivo para a leitura ou para esse tipo de interesse.

Comecei a me interessar intelectualmente por leitura quando estava terminando o ensino médio. Na verdade, fiz o curso normal para ser professora da educação básica, pois meu pai achava que era o caminho que eu deveria seguir. Minha família era muito tradicional, e as mulheres não tinham voz nem autonomia. Minha mãe, por exemplo, era uma pessoa maravilhosa, bondosa, mas muito dependente do meu pai. Desde cedo, percebi que aquele modelo — o de minha mãe e de minhas tias — não era o que eu queria para mim.

**Entrevistador: A trajetória da senhora acaba sendo uma subversão a isso, certo?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** É verdade. Quando estava terminando o curso normal, comecei a sentir um forte desejo de não seguir a profissão de professora. Engraçado que, no fim, acabei sendo professora [risos]. Mas, na época, eu dizia: "Não quero ser professora, quero ir para o Rio fazer faculdade". Na verdade, o que estava em jogo não era apenas a profissão, mas a vontade de sair daquele pequeno mundo rural, de me afastar da família dos meus pais e buscar uma cidade maior, com novos ares, novas amizades e outras relações. Assim, quando terminei o curso normal, vim para o Rio para ingressar na universidade.

**Entrevistador: A senhora teve como orientadora a professora Ismênia, que era uma jovem professora. Eu queria que a senhora contasse um pouco sobre essa experiência, pensando na transição para a pós-graduação, em um momento em que ainda havia uma geração ainda em formação. Muitos professores fizeram doutorado direto, certo?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Meus professores nem tinham doutorado. Olha, quando vim para o Rio, eu não sabia exatamente o que queria estudar. Sabia que faria algo na área de Humanas, mas não tinha muita ideia de qual curso escolher. Então, entrei em um curso pré-vestibular no centro do Rio de Janeiro chamado Curso Platão. Lá, tive aula com um professor chamado Ilmar Matos, muito conhecido e renomado. Ilmar era um exemplo de didática e tinha uma incrível capacidade de cativar os alunos. Até então, eu nunca havia tido um grande interesse por História, mas fiquei fascinada e decidi prestar vestibular para a UFF.

Naquela época, o curso de História da UFRJ estava muito desestruturado, com uma repressão fortíssima. Não que a UFF não tivesse repressão, mas a situação era diferente. A UFRJ fazia parte da antiga Faculdade Nacional de Filosofia, que tinha uma tradição de grandes intelectuais, como Maria Yedda Linhares (1921-2011), Darcy Ribeiro (1922-1997) e Vitor Nunes Leal (1914-1985), muitos deles envolvidos na política do governo João Goulart. Com o golpe militar e, especialmente, com o AI-5, a repressão na UFRJ foi extremamente violenta. Diante desse cenário, o curso de História da UFF parecia uma alternativa mais interessante.

**Entrevistador: Era um curso recente?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Era um curso que já existia, mas era pequeno, não tinha grandes nomes, entendeu? A própria criação da UFF como Universidade Federal ocorreu com a Reforma Universitária[[4]](#footnote-4). Antes, era a Faculdade de Filosofia, que, se não me engano, já era federal, mas não tenho certeza. Quando entrei na graduação, praticamente todos os meus professores eram muito jovens, e quase nenhum tinha doutorado — estavam fazendo mestrado naquela época. Tive como professores Ilmar [Rohloff Mattos] , que voltou a ser meu professor na UFF na graduação, Almir Chaiban El-Kareh, Vânia Fróes, que eram os pilares do curso, além de Francisco Falcon e Maria Célia Falcon. Mesmo o Falcon, que já era um professor mais experiente, ainda não tinha doutorado. Foi nessa época que ele fez e defendeu sua livre-docência[[5]](#footnote-5). Os outros professores eram muito jovens. A Ismênia, por exemplo, não foi minha professora na graduação.

**Entrevistador: É curioso que essa geração, mesmo esses professores jovens, eles acabam formando uma geração que logo depois vai constituir várias escolas em vários campos. Uma geração que é muito jovem, mas chega a um amadurecimento, me parece, pelo contexto, muito rápido.**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Você tem que levar em consideração o seguinte: esses professores que mencionei, e provavelmente outros em diferentes universidades, eram jovens e não tinham titulação. No entanto, a década de 1970 foi um período de expansão da pós-graduação. Apesar de toda a repressão política imposta pelo governo militar, ao mesmo tempo, em que havia censura e controle, houve também a ampliação da CAPES e a criação de novos programas de pós-graduação. Na UFF, por exemplo, o primeiro programa de pós-graduação foi criado em 1971, sendo o primeiro mestrado em História da região do Rio de Janeiro[[6]](#footnote-6). Além disso, surgiram programas de mestrado na Universidade Federal de Pernambuco [1974], na Universidade Federal de Santa Catarina [1975] e a reestruturação do mestrado da USP, seguindo as novas diretrizes da reforma universitária.

As décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pela criação de programas de pós-graduação e mestrados, bem como pelo início da concessão de bolsas de estudo. Eu mesma concluí a graduação em 1973 e, já em 1974, estava fazendo o mestrado.

**Entrevistador: A senhora teve bolsa?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Tive bolsa, sim. Não no primeiro ano, mas, se não me engano, no segundo. Naquela época, o mestrado durava quatro anos, era muito diferente do que é hoje. Minha geração, na maioria, era formada por pessoas que terminavam a graduação e logo ingressavam no mestrado. Não vou dizer que todos seguiram esse caminho, mas uma boa parte, sim. Além disso, já havia uma maior facilidade para obter bolsas de estudo. Enfim, com a estruturação dos programas de pós-graduação no país, houve uma mudança significativa na formação das novas gerações.

**Entrevistador: Recentemente a professora Maria de Lourdes Jianotti, em um evento no Departamento de História na USP, falando sobre o início dos programas de pós-graduação, mostrou que poucas pessoas naquele momento tinham acesso as bolsas, em que pese a quantidade de alunos que procuravam os cursos de mestrado. Como era naquele momento, na UFF, a pós-graduação?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Naquela época, era tudo muito diferente e bem mais difícil. Além disso, a USP—porque esses cursos que mencionei estavam sendo criados nos anos 1970 e início dos anos 1980—oferecia apenas mestrados, já que não havia cursos de doutorado. No Rio de Janeiro, por exemplo, não existia doutorado em História.

**Entrevistador: Quando que começa?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Eu fui da primeira turma do doutorado na UFF e foi de... 86…85, talvez. Eu não estou me lembrando bem agora, mas foi criado o curso de doutorado na UFF[[7]](#footnote-7).

**Entrevistador: A senhora entrou em 1986…**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Isso, em 86.

**Entrevistador: Agora, chegando nos anos 80 e considerando os temas que a senhora passou a pesquisar nos anos 90, parece que a senhora esteve sempre contra a corrente, olhando em retrospectiva. Nos anos 70, a História Política não estava no auge, e depois, em um segundo momento, a senhora vai para a História Oral, que trouxe grandes questões dentro da historiografia. Mais recentemente, como coordenadora do ProfHistória, a senhora lidou com uma nova abordagem. Eu gostaria que a senhora falasse sobre esses três momentos.**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Inicialmente, quando fiz o mestrado na UFF, fui para a área de História Econômica, muito influenciada pelo marxismo e com um foco bem voltado para essa área. Minha dissertação de mestrado foi sobre comissários de café[[8]](#footnote-8). Na verdade, comecei a me interessar por História Política quando fui trabalhar no CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas. Entrei no CPDOC em 1978, já tendo defendido a dissertação de mestrado. No CPDOC, trabalhei no *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro* (DHBB), e foi essa experiência que me aproximou da História Política e da História Contemporânea do Brasil. Até então, na universidade, o estudo da História recente era praticamente inexistente. No máximo, você chegava até a década de 1930. Não havia cursos, não se discutia, e parecia que esse período estava sendo tratado mais em outras áreas, como na Economia ou na Ciência Política. Pela História, o interesse era quase nulo. A História, na época, era muito marcada por uma tradição do século XIX, que defendia que, para fazer e escrever História, você precisava de um distanciamento temporal, porque isso é o que conferiria objetividade à narrativa. Essa visão retrospectiva predominava. A minha entrada no CPDOC, então, foi uma aproximação com a História Política e com a História Contemporânea do Brasil, como chamávamos na época. A partir dessa experiência, quando entrei no doutorado na UFF, já estava com o projeto voltado para História Política. No CPDOC, de fato, não havia muito espaço para essa discussão. E, na verdade, essa "contramaré" não era só minha; o próprio CPDOC estava um pouco fora da corrente principal, pois se concentrava no estudo das elites políticas, algo também marginal na historiografia da época.

**Entrevistador: Havia uma desconfiança quanto a esse tipo de pesquisa?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Sim, fontes de arquivos pessoais também eram vistas com desconfiança. A própria História Oral, na época, era vista com desconfiança. Quando entrei no doutorado na UFF, o meu projeto não estava muito alinhado com o que as pessoas estavam fazendo lá. Eu desenvolvi um projeto para estudar partidos políticos e a elite política do Estado do Rio de Janeiro, algo que não estava muito conectado com a historiografia da escravidão, que era uma linha muito forte.

Além disso, existia uma forte influência do que a professora Maria Yedda defendia, com a história agrária e a história na longa duração, aquela visão estrutural. A história política, por outro lado, era mais voltada para a análise de conjuntura e o estudo de eventos específicos. Então, realmente, era necessário um esforço para que o meu trabalho fosse reconhecido. Vou ser franca: na banca examinadora do processo seletivo para o doutorado na UFF (sendo a primeira turma) fui aprovada em primeiro lugar.

Mas, para chegar lá, fiz um grande esforço para adaptar meu projeto. O tema que escolhi não era o mais popular ou o mais alinhado com as demandas do corpo docente da UFF na época. Contudo, mesmo assim, as pessoas foram muito abertas e receptivas, mesmo que o tema não fosse exatamente o que elas preferiam.

**Entrevistador: A senhora lembra quem era a banca?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Lembro. Era Maria Yedda Linhares, era a Ismênia [de Lima Martins], era o [Francisco] Falcón, era o Ciro [Flamarion] Cardoso, e tinha mais uma pessoa que eu não me lembro quem era.

**Entrevistador: Era o panteão da historiografia…**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Era, exatamente. Era uma banca. E aí eu fui ser orientada pela Ismênia, que estava bem mais confortável com esse tema que eu queria fazer, que era sobre a história política fluminense.

**Entrevistador: Ela foi orientadora da professora Sônia Regina de Mendonça também, no mestrado.**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Sim. Ela tem um trabalho sobre o ruralismo, a Associação Nacional de Agricultura, Então foi uma batalha nessa época no sentido de fazer história política e de ter a história política reconhecida. E não só também a história política, mas eu acho que a história recente. Quando a gente começou a trabalhar também com essa noção de história do tempo presente, isso também gerava um certo desconforto.

**Entrevistador: Professora, nesse período dos anos 80, a senhora já estava como diretora do CPDOC?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Nessa época eu era pesquisadora no CPDOC. Eu entrei em 1978, fiquei como pesquisadora. Em 1991 eu terminei o doutorado.

**Entrevistador: A senhora possui uma série de publicações, incluindo algumas realizadas no próprio CPDOC. Ao verificar esses trabalhos, percebi o quanto a mobilização de fontes, hoje tão comum nas pesquisas sobre a Primeira República, era ainda algo em construção naquela época. O uso de relatórios, balancetes, correspondências, discursos e o próprio acervo documental da Primeira República, era uma prática que estava se consolidando. Hoje, ao revisitar esses trabalhos, vemos como muitos deles permanecem atuais e continuam relevantes para as pesquisas contemporâneas. A senhora poderia comentar um pouco sobre esse processo e refletir sobre como esses trabalhos se mantêm importantes no cenário atual da historiografia?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Então, havia essa descrença... Mas você sabe, quando eu entrei no CPDOC, quando comecei a me aproximar da história política, porque eu fazia muito verbete – eram verbetes, principalmente na primeira fase desse projeto, do dicionário da imprensa –, as fontes que eu usava prioritariamente eram jornais e entrevistas. Foi aí que me aproximei da história oral, que, na verdade, eu nem sabia muito bem o que era.

Eu comecei a fazer entrevistas para resolver lacunas na construção desses verbetes e comecei a fazer entrevistas com jornalistas. Então, nesse momento, eu não trabalhei, por exemplo, com arquivos pessoais, não trabalhei também com documentação oficial, minhas fontes eram prioritariamente essas. E biografia, evidentemente, porque o *Dicionário*, para mim, ele foi uma grande escola, porque você era obrigado a transitar em muitas conjunturas e muitos temas.

Então, eu me lembro que logo assim que cheguei, eu não sabia nada de história pós-trinta. Eu me lembro que peguei aquele livro do Thomas Skidmore, *“De Getúlio a Castelo (1930-1964)”*(1964), e destrinchei aquilo ali, porque eu precisava conhecer, pelo menos factualmente, cronologicamente, os personagens, as datas, os eventos. E a partir disso, eu acabei também fazendo uma apropriação de uma bibliografia muito da área dos cientistas políticos, dos sociólogos, que trabalhavam com partidos, que trabalhavam com imprensa.

Então, eu tive essa aproximação com a chamada história contemporânea do Brasil, que depois a gente, numa reflexão posterior, começou a usar a denominação de história do tempo presente. Sim. Esse trabalho, ele se torna um divisor de águas. A forma, principalmente, a partir das entrevistas que foram reunidas, toda essa sistematização desses arquivos do século XX, ele é um trabalho absolutamente... Muito grande e muito inovador para aquela época. Mas também era, na verdade, temas e abordagens que eram muito questionados.

Depois que terminei o doutorado, que não era um tema tão recente, porque eu trabalhei com a Primeira República. Eu acabei mudando o meu projeto. Eu entrei com um projeto e depois eu alterei para outro. Eram partidos políticos no Estado do Rio.

Só que, inicialmente, eu queria trabalhar com o período da criação do PTB e o período de 1945 a 1964. Mas depois, pelo fato de eu estar aí, nessa altura dos acontecimentos, engajada num outro projeto no CPDOC, para a Primeira República, eu alterei o meu projeto de tese de doutorado para a Primeira República.

**Entrevistador: Nesse período, durante seu doutorado, a senhora publicou, por exemplo, trabalhos como “Conflito regional e crise política: a reação republicana no Rio de Janeiro” (1986), “Industrialização e classe trabalhadora no Rio de Janeiro” (1987) [com Angela de Castro Gomes]. Esses trabalhos foram feitos a partir da pesquisa do doutorado?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** É, exatamente.

**Entrevistador: São trabalhos entre 1986, 1987…**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Exatamente. Na verdade, foram trabalhos que, de alguma forma, transformados, incorporados. Esse [trabalho] *Conflito Regional…* ele é até reelaborado para ser um capítulo da minha tese, doutorado. A minha tese de doutorado chama-se *“Em busca da idade de ouro: as elites políticas fluminenses na Primeira República (1889-1930)”*[[9]](#footnote-9). Depois que terminei o doutorado, estava liberada. Nesse meio tempo, além do CPDOC, eu comecei a dar aula na UFRJ[[10]](#footnote-10). Eu fiz concurso para a UFRJ e comecei a dar aula de História do Brasil. Fui trabalhar exatamente com o Brasil na Primeira República.

**Entrevistador: Já existia naquele momento essa disciplina?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Já tinha essa disciplina. A UFRJ também já tinha mudado muito. Nós estamos falando dos anos 80. Eu entrei na UFRJ em 86. Ainda não tinha concluído o doutorado. Eu estava fazendo o doutorado.

**Entrevistador: A senhora entra como professora assistente?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Eu entrei como professora visitante, porque tinha uma professora chamada [Maria] Bárbara Levy (1943-1992), na UFF, no doutorado, e ela havia tido um problema de saúde e me pediu para dar algumas palestras no mestrado de História da UFRJ. Eu fui, me saí bem…os alunos gostaram. E um professor me perguntou se eu não queria vir como professora visitante, porque, na época, a UFRJ passava por uma conjuntura específica. O curso de História integrava o IFCS – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – e havia um movimento de renovação, pois, no passado, o curso tinha sofrido toda aquela repressão. Muitos professores foram perseguidos, caçados. Além disso, vários docentes que entraram nesse período não eram concursados.

Esse momento, na segunda metade da década de 1980, foi um período de renovação no curso de História da UFRJ, com a entrada de muitas pessoas novas, como eu, Manoel Salgado (1952-2010) e Manolo Florentino (1958-2001), que depois se tornaram grandes nomes da historiografia. Também Afonso Carlos [Marques dos Santos] (1950-2004)[[11]](#footnote-11).

**Entrevistador: Nesse momento, a professora Maria Yedda Linhares ainda estava na UFRJ?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Estava, mas ela estava mais na UFF do que na UFRJ. Além disso, nesse período, houve momentos em que ela foi secretária de Educação. Então, embora figurasse no corpo docente, não estava dando aula, pois estava exercendo essa função. Ela foi secretária de educação na época do Darcy Ribeiro[[12]](#footnote-12).

**Entrevistador: Professora, a senhora fez um pós-doc na França, nos anos 90. Qual foi a sua motivação para essa pesquisa? Naquele momento, a senhora já estava trabalhando com história oral? E qual era o tema?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** O tema era o seguinte… De fato, nesse período, eu tinha terminado minha tese de doutorado, já estava dando aula, já tinha feito concurso, não era mais professora visitante, era professora assistente. E aí, eu tive a oportunidade de fazer uma entrevista com a Maria Yedda Linhares. Ela era secretária de educação. Era uma entrevista para a revista *Estudos Históricos*. Porque a revista *Estudos Históricos*, do CPDOC, tinha muito essa organização de sempre ter uma entrevista com um professor, um historiador. E sempre eram historiadores estrangeiros, e aí decidiu-se que incorporariam também entrevistas com professores brasileiros. Eu fui fazer a entrevista com a Maria Yedda, e ela, então, mencionou as missões francesas que vieram para o Rio de Janeiro. A figura do Henri Hauser, que era um grande historiador francês, que veio para trabalhar na UDF, Universidade do Distrito Federal[[13]](#footnote-13). E aí, eu achei aquilo muito interessante, e já estava cogitando fazer pós-doutorado na França, porque, na verdade, eu tinha feito toda a minha formação na UFF. Eu tinha feito graduação, mestrado e doutorado. Eu tinha morado na Inglaterra quando era muito jovem, e tinha muita vontade de voltar a fazer uma pós-graduação fora, coisa que não foi possível. Nessa altura, eu também me casei, e meu marido tinha problemas políticos e não conseguia tirar passaporte devido à repressão da ditadura. Enfim, eu acabei fazendo toda a minha formação aqui no Brasil, e esta era uma oportunidade. Estamos iniciando os anos 90, e estava muito interessada em fazer um pós-doc fora. Foi quando eu conheci o Roger Chartier, que veio para um seminário no CPDOC, em 93, se eu não me engano[[14]](#footnote-14). Conversei com ele e disse que gostaria de fazer um pós-doc lá na *L'École des hautes études en sciences sociales*, com ele. E defini que queria fazer sobre esses professores franceses que vieram para o Rio de Janeiro. Porque eu disse: "Eu não quero ir para a França para estudar temas brasileiros, temas brasileiros eu estudo no Brasil, no Rio de Janeiro. Eu quero ir para a França para estudar temas franceses que tenham relação com o Brasil." Claro, eu estava preocupada, quem eram esses professores que vieram para fundar, para criar uma universidade na cidade do Rio de Janeiro. E foi muito positivo. Eu fiquei um ano lá na França, de final de 96 a final de 97. Foi quando comecei a trabalhar com essa ideia de ensino de história e dos cursos universitários, que acabaram dando origem a esse livro aqui que você conhece[[15]](#footnote-15). Então, enquanto estava lá, fiz essa pesquisa.

**Entrevistador: Esse livro surge a partir dessas pesquisas, logo depois?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Não, demora um pouco, vou te explicar por quê. Eu fiz esse pós-doc, fiz essa pesquisa sobre os professores franceses, especialmente o Henri Hauser (1866-1946), que foi o objeto da minha atenção maior, porque ele era a figura mais de destaque. Inclusive, ele tinha contatos com os *Annales*. Ele foi a grande figura que indicava os professores mais jovens que iam para a USP, como o próprio [Fernand] Braudel (1902-1985). E também outro professor que estudei, que foi da USP também, e era de geografia. Enfim.

**Entrevistador: Pierre Monbeig (1908-1987)?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Não, o Monbeig é mais tarde[[16]](#footnote-16). Então, eu fiz essa pesquisa, publiquei dois ou três artigos. Porém, quando eu volto para o Brasil, logo depois, eu vou ser diretora do CPDOC. Eu voltei no final de 97. Em 1998, organizei um grande congresso de história oral, porque eu já estava envolvida, internacionalmente, com a história oral. Tinha participado de vários encontros internacionais. Já era vice-presidente da Associação Internacional de História Oral [*The International Oral History Association - IOHA*][[17]](#footnote-17). Já havia sido presidente da Associação Brasileira de História Oral (ABHO)[[18]](#footnote-18). A Associação foi criada em 94. E, de fato, eu vou ser diretora do CPDOC[[19]](#footnote-19). Então, vários desafios de fazer várias coisas do ponto de vista administrativo. E algumas pesquisas que eu estava fazendo, acabaram um pouco prejudicadas. Porque eu era diretora do CPDOC, além de professora da UFRJ. Eu tinha que dar aula, eu tinha que orientar. Eu tinha os meus compromissos lá também. Era muito trabalho mesmo. Eu acabei colocando muitas das minhas aulas para a noite e administrava essas coisas. Por isso que esse livro, na verdade, ele só vai acontecer, esse livro *“A História como Ofício - A constituição de um campo disciplinar”*, quando eu retomo aquela pesquisa que eu tinha feito no pós-doutorado. Em 2010, eu faço um pós-doc na USP, com a Maria Helena Capelato, que resultou nesse livro. E finalizo essa trajetória nessa pesquisa sobre ensino de história, a criação dos cursos universitários, etc.

**Entrevistador: A senhora mencionou sua entrada como diretora do CPDOC. Pensando nisso, e considerando suas diversas publicações, com uma sua notável habilidade em organizar obras coletivas, reunir múltiplos colaboradores e administrar isso. Além disso, sua impressionante trajetória como professora e orientadora, com participação em mais de 150 bancas e orientações, é notável. Dito isso, gostaria também de entender sua perspectiva sobre a relação do historiador com o mercado editorial, especialmente considerando sua experiência trabalhando em uma editora, lidando com aspectos mais burocráticos que vão além da relação do historiador com os arquivos ou a sala de aula.**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Eu acho que eu sempre me dividi muito entre ser professora, que é uma coisa que eu gosto muito, sempre gostei de dar aula. Por isso, mesmo estando no CPDOC, na Fundação Getúlio Vargas, como pesquisadora, porque naquela época o CPDOC não possuía curso de graduação, nem de mestrado, nada disso. E eu tinha muita vontade de voltar a dar aula. Eu já tinha tido uma experiência de dar aula logo assim no começo da minha carreira.

Eu gosto de dar aula, eu gosto muito de orientar. Tive orientandos maravilhosos, tenho até hoje. Gosto de fazer pesquisa, mas eu gosto também de organizar coisas, de juntar pessoas. Eu acho que talvez tenha sido um grande mérito que tive na minha vida, de ter capacidade de reunir pessoas, ideias. Você sistematizando-as. De reunir pessoas e de fazer com que pessoas diferentes, com pontos de vista diferentes, trabalhassem juntas.

Eu acho que isso aconteceu muito em dois momentos importantes. Um, quando nós criamos a Associação Brasileira de História Oral, e eu fui a primeira presidente. Eu organizei o primeiro encontro aqui no CPDOC. Nessa época, eu tinha terminado o doutorado e eu era coordenadora do programa de História Oral do CPDOC. E surgiu essa oportunidade de eu organizar esse encontro de História Oral para se refletir, para se fazer a criação de uma possível associação. Essa ideia de fazer esse encontro no CPDOC foi até da Déa Fenelon (1933-2008), durante um encontro menor, na USP, que aconteceu lá. Já existia a ideia de criar uma associação de História Oral, mas isso em 1993. Mas a Déa Fenelon disse: “não, eu acho que é muito prematuro se criar uma associação agora. Esse encontro aqui é um encontro relativamente pequeno, e eu acho que a gente deve fazer com que este ano de 93, 94, seja um ano de mobilização, de divulgação, para que a gente crie uma associação que, de fato, agregue pessoas e tal”. E assim foi. Então, em 94, eu organizei esse congresso aqui no CPDOC e criamos a associação. E fui, então, eleita a primeira presidente da Associação Brasileira de História Oral, que agora completa 30 anos. Nós vamos ter um evento agora em Joinville, o presidente atual é de Joinville[[20]](#footnote-20). Eu estou até muito feliz, fui convidada para a mesa de abertura para ser homenageada.

Acho que vai ser um evento muito interessante, dessa comemoração dos 30 anos. E eu acho que foi um trabalho muito interessante, como primeira presidente, de reunir pessoas que tinham pontos de vista diferentes, divergências. E deu certo, a associação funcionou.

Outro evento também, que eu queria falar… Depois eu fui presidente da Associação Internacional. Em 2000, eu fui eleita presidente da *Internacional Oral History Association*.

Voltando ao ponto que eu te falei, desse desejo meu, desse interesse, eu acho que capacidade de reunir pessoas e fazer com que as pessoas com diferentes pontos de vista trabalhem juntos em torno de um objetivo foi quando foi criado o ProfHistória[[21]](#footnote-21). O ProfHistória também é um projeto dessa magnitude, mas difícil.

Esse ano eu estou nas comemorações, História Oral, 30 anos, ProfHistoria 10 anos, que vai ser a comemoração em Belém do Pará, em outubro.

**Entrevistador: Qual o balanço que a senhora faz do ProfHistória, pensando, assim, como ele influencio nas universidades pelo Brasil?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Eu sou uma pessoa muito suspeita para falar sobre o ProfHistória, porque eu acho que é um projeto realmente magnífico. Por quê? Primeiramente, as graduações, elas quando foram criadas, seja a USP, na UFRJ, principalmente esses cursos mais antigos, eram cursos que estavam, até porque a pesquisa era uma coisa que não acontecia na universidade, então as licenciaturas eram voltadas para preparar pessoas que iam ser professores, mesmo que não tivesse uma prática de ensino, de história, mas a ideia que aquelas pessoas que estavam fazendo aqueles cursos, iam sair dali e iam ser professores.

A partir da década de 70, quando se começa o desenvolvimento desses projetos de pós-graduação, toda a política de CAPES, CNPQ, de expansão da pós-graduação, com a criação desses inúmeros cursos de mestrado, as graduações são muito impactadas por isso. Na verdade, as graduações, elas focalizam muito o seu interesse, isso é uma coisa que aconteceu muito com a minha geração, a gente não queria saber negócio de ensino de história, nós estávamos interessados em formar nossos alunos para ter bolsa de iniciação científica, os cursos passam a ter monografia, de nós prepararmos os nossos alunos para serem pessoas que iam fazer pós-graduação, e que iam seguir uma carreira, ou de pesquisador, ou de professor universitário, não estava nos nossos objetivos maiores, que nós estávamos formando professores para educação básica. Então, eu acho que isso foi uma coisa durante muito tempo, e eu acho que ainda a cabeça de muita gente ainda é assim.

As licenciaturas, elas não se preocupam, elas não têm uma identidade compatível com o objetivo final dela, o que é uma licenciatura. São cursos de formação de professores que vão atuar prioritariamente na educação básica, e se você fizer, inclusive, um levantamento do número de alunos que faz a licenciatura, o que acontece com ele depois? Uma grande maioria, certamente 80%, eles vão para atuar na educação básica. Um número pequeno, você vai para a universidade, um número ínfimo poderá ir para um centro de pesquisa, um arquivo, alguma coisa do tipo. Mas, mesmo que o objetivo do curso seja a formação de professores, a identidade do curso não está comprometida com este objetivo.

Então, tem uma situação que a grande maioria, ocasional ou fatalmente, serão professores, mas essa dissociação com o que se deveria, a forma que deveria ensinar, organizar. Inclusive, ao longo, depois de 2000, ocorreram várias reformas que o MEC implementou visando aumentar a carga horária de disciplinas voltadas, no caso do curso de História, para o ensino de História. Mas elas, na maioria das vezes, funcionam muito mal ou nem funcionam.

Na UFRJ, se desrespeitou essa legislação. A gente foi fazer uma reformulação do currículo em 2018. De implantar uma disciplina de ensino, dentro do curso de História. Não é nem só existir a cadeira, é você ter um movimento, um engajamento de que é preciso que a graduação, que a licenciatura tenha um engajamento no ensino de História.

O ProfHistória, eu acho que ele é muito importante porque ele surge a partir de uma demanda da capta, uma política pública. Já tinha sido criado antes o próprio ProfMat, o ProfLetras, que eram esses mestrados profissionais voltados para profissionais de matemática, de português, de linguagem portuguesa.

E aí surge a oportunidade de fazer o ProfHistória. Então, atendendo a essa sugestão da CAPES, eu fui procurada pelo professor Carlos Fico, que na época era representante de área, que me convidou, e perguntou se eu não queria liderar esse grupo para a montagem de um projeto de um mestrado profissional em redes. E a gente não tinha muita noção do que era, então foi um trabalho mesmo de juntar as pessoas, inicialmente as pessoas das universidades públicas daqui do Rio de Janeiro, e de definir o que era, o que é, afinal de contas, esse mestrado de ensino de História.

E principalmente, em rede, em rede nacional. Sendo assim, o primeiro APCN [Avaliação de Propostas de Cursos Novos] que nós fizemos em 2013, mas entregamos na CAPES em 2014, foi um grande desafio. Um grande desafio, reunir essas pessoas, definir como seria. Depois todo o processo muito difícil de como receberia os recursos, como esses recursos iriam ser pagos. Foi um desafio muito grande, mas eu acho que valeu muito a pena. Então, eu fiquei como coordenadora nacional de 2013, quando nós fizemos o projeto, até 2016. Em 2016, eu também já estava próxima de me aposentar, e aí eu saí da coordenação do ProfHistória.

Então, eu sempre tive esse lado de gostar de organizar coisas, de organizar pessoas, de reunir pessoas, juntamente com a atividade acadêmica. Eu acho que foi bom fazer esse tipo de coisa. Eu realmente acho que, embora eu goste muito de pesquisar, eu acho muito interessante você poder escrever um texto, fechar as pontas de uma pesquisa, mas não dá para eu passar a minha vida inteira só fazendo isso. Gosto de fazer isso, mas eu gosto muito de fazer outras coisas, de organizar coisas, de reunir pessoas. Acho que traz oxigênio muito, traz muita inovação.

**Entrevistador: Uma última questão, que considero muito importante. A senhora formou uma geração absolutamente espetacular de orientandos, como Cláudia Viscardi e Surama Conde Sá Pinto, entre outros, que hoje são professores universitários e já formaram uma segunda geração de historiadores. Citei propositalmente duas mulheres, pois, dentro das pesquisas nas quais a senhora está profundamente envolvida, há diversos estudiosos no Brasil refletindo sobre o papel da mulher como historiadora. Penso em casos como os de Alice Canabrava e Maria Yedda Linhares. A senhora sempre ocupou postos de destaque na gestão acadêmica. A senhora percebia essa questão de gênero naquele momento, ou simplesmente seguia realizando seu trabalho, sem que essas questões fossem levantadas pelo fato de ser uma historiadora ocupando essas posições?**

**Marieta de Moraes Ferreira:** Não, eu acho que em muitos momentos eu senti isso, sim, sabe? Eu acho que em muitos momentos ser mulher é uma coisa que te deixa um pouco mais secundarizada, menos valorizada, às vezes muita sensação de que você, numa reunião, você fala uma coisa, você coloca um ponto de vista, um problema, e aquilo parece que ninguém te ouviu.

E aí depois vem um homem, fala o mesmo que você falou, e dizem: “ah, sim!” Entende? Então, muitas situações da vida tive esse tipo de situação.

 Na universidade eu acho que isso é menos, até porque eu acho que o curso, aqui na minha geração, no curso de História, já tinha um número significativo de mulheres. Mas aqui na Fundação Getúlio Vargas há uma predominância maior de homens do sexo masculino nos principais cargos de chefia, então, a presença feminina, ela é menos relevante.

**Entrevistador: Obrigado pela entrevista, professora!**

**Entrevistas**

Recebido em: 16  mar. 2025.

Aprovado em: 19 mar. 2025.

1. A entrevista foi realizada em 01 de agosto de 2024, na sede da Editora da Fundação Getúlio Vargas, em Botafogo, Rio de Janeiro–RJ. [↑](#footnote-ref-1)
2. Bolsista de graduação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico(CNPq). [↑](#footnote-ref-2)
3. Sobre as famílias históricas da região, ver: FARIA, Sheila de Castro. Ouro, porcos, escravos e café: as origens das fortunas oitocentistas em São Pedro de Cantagalo, Rio de Janeiro (últimas décadas do século XVIII e primeiras do XIX). Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 26, p. e04d1, 2018. [↑](#footnote-ref-3)
4. Ocorreu através da é a Lei n.º 5.540, de 28 de novembro de 1968. [↑](#footnote-ref-4)
5. Francisco Falcon, iria obter a livre-docência em 1976. [↑](#footnote-ref-5)
6. Em 1971 seriam criados os Programas de Pós-Graduação na UFF e na USP. [↑](#footnote-ref-6)
7. O doutorado em História da Universidade Federal Fluminense (UFF) foi criado em 1985. O programa de pós-graduação em História (PPGH) foi criado em 1971, com o início do mestrado. [↑](#footnote-ref-7)
8. A dissertação *A Crise dos Comissários de Café do Rio de Janeiro,* foi defendida em 25 de outubro de 1977. A banca examinadora era composta pelos professores: Victor Vincent Valla, Nícia Vilela Luz e Ismênia de Lima Martins [↑](#footnote-ref-8)
9. Defendida em 4 de outubro 1991 e publicada como livro em 1994 pela Editora a UFRJ.A banca examinadora era composta pelos professores: Angela Maria de Castro Gomes, Maria Bárbara Levy, Maria de Lourdes Monaco Janoti, Eduardo Kugelmas e Ismênia de Lima Martins. [↑](#footnote-ref-9)
10. O ingresso como professora na UFRJ se deu em 1986. Em 1988 ela assume a disciplina de História do Brasil Contemporâneo. [↑](#footnote-ref-10)
11. Marieta de Moraes Ferreira discute essas mudanças no capítulo “Universidade e ensino de história: o curso de História do IFCS/UFRJ (1968-1980)”. FERREIRA, Marieta de Moraes. Universidade e Ensino de História. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021. [↑](#footnote-ref-11)
12. Maria Yedda Linhares exerceu o cargo de secretária municipal de Educação no Rio de Janeiro de 1983 a 1986. [↑](#footnote-ref-12)
13. FERREIRA, Marieta de Moraes. O ensino da história na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 19, 2012, p. 611-636. [↑](#footnote-ref-13)
14. O seminário do CPDOC em que Roger Chartier participou ocorreu em 1993, durante as comemorações dos 20 anos do CPDOC. Nesse evento, Chartier apresentou o texto *"A história hoje: dúvidas, desafios, propostas"* [↑](#footnote-ref-14)
15. Ela se refere ao livro *“A História como Ofício - A constituição de um campo disciplinar”*, publicado em 2013 pela FGV. [↑](#footnote-ref-15)
16. Provavelmente a professora se refere ao geógrafo francês Pierre Deffontaines (1894-1978), que chega a USP em 1935. FERREIRA, Marieta de Moraes. Os professores franceses e a redescoberta do Brasil. Revista Brasileira. Rio de Janeiro, ano XI, n.º 43, p. 227-246, abr./mai./jun., 2005. [↑](#footnote-ref-16)
17. Marieta de Moraes Ferreira teve vice-presidência conjunta com Alistair Thomson (United Kingdom), entre 1996 e 2000. No biênio 2000-2002 assume a presidência. Disponível em: https://ioha.org/about/past-council/. Acesso 15 mar. 2025. [↑](#footnote-ref-17)
18. Criada em 29 de abril de 1994, durante o II Encontro Nacional de História Oral, realizado no Rio de Janeiro. [↑](#footnote-ref-18)
19. Ela assumiu o cargo em 1999 e fica até 2004. [↑](#footnote-ref-19)
20. O presidente era Fenando Cesar Sossai da Universidade da Região de Joinville. [↑](#footnote-ref-20)
21. O programa começou em 2012,com as primeiras discussões sobre o projeto, e, em 2014, teve o primeiro exame para os alunos. Disponível em: http://site.profhistoria.com.br/historico/. Acesso em 15 de mar. 2025. [↑](#footnote-ref-21)